

Dívida: o plano mexicano vai complicar as coisas para o Brasil.

JORNAL DA TARDE 5 JAN 1988

O País não tem condições de seguir o exemplo do México, dizem os especialistas.

O plano para a redução da dívida mexicana "vai complicar" a renegociação da dívida brasileira, segundo a previsão de um funcionário do governo americano.

— O Brasil vai entrar na fila, e não tem o dinheiro que o México está investindo — explicou o funcionário ao **Jornal da Tarde**.

O México está comprando por US\$ 2 bilhões em dinheiro uma série especial de cupons-zero do Tesouro americano, no valor de US\$ 10 bilhões, resgatáveis em 20 anos, com os quais resgatará aproximadamente US\$ 20 bilhões de sua dívida de US\$ 78 bilhões aos bancos americanos, aproveitando o desconto do mercado.

A renegociação da dívida brasileira deveria ser iniciada ontem, em Nova York, pelo cronograma que foi totalmente alterado com a saída do ex-ministro Bresser Pereira. Um funcionário do governo americano que acompanha de perto as negociações previa ontem uma primeira reunião para o próximo dia 11, desvinculando-a da escolha

de um novo ministro da Fazenda no Brasil.

"É só darmos continuidade ao que já foi feito" — ele explicou, lembrando que o presidente do Banco Central, Fernando Milliet, e seu diretor da área de Dívida Externa, Antonio de Pádua Seixas, continuam no cargo.

Mas a continuidade nas negociações "está complicada" pelo precedente aberto pelo plano mexicano, para o qual o governo americano deu seu aval, recusado ao Brasil no meio do ano passado, quando o então ministro Bresser Pereira apresentou um plano de securitização da dívida. O México, o Banco Morgan e o governo dos Estados Unidos abriram um precedente para o tratamento da dívida latino-americana.

O **The Washington Post** de ontem, num editorial, considera este precedente "um progresso", advertindo que "nem todos os bancos desejaram tirar vantagens desta oferta" — a de converter a dívida por títulos garantidos pelo governo americano, a longo

prazo, mesmo perdendo algum dinheiro a curto prazo. "Os grandes bancos internacionais, com muitos juros a longo prazo na América Latina, vão provavelmente escolher manter seus empréstimos. Mas muitos pequenos bancos querem sair fora dos empréstimos internacionais, mesmo ao custo de perder parte do dinheiro que emprestaram", continua o jornal, sugerindo que para cada país seja elaborado um plano especial, de acordo com circunstâncias específicas.

Há um consenso entre analistas de que o Brasil não pode seguir o caminho aberto pelo México. Além de não ter dinheiro para investir na redução de sua dívida, seu relacionamento com os bancos internacionais é considerado ruim, o país não tem um programa com o FMI (Fundo Monetário Internacional) e está passando por um período político bastante delicado.

**Moisés Rabinovici,
de Washington**